

Foto: Dirceu Curti

MOVA-SP: UMA EXPERIÊNCIA TENTANDO ESCULPIR A UTOPIA

*Maria Stela Santos Graciani**

Diante da possibilidade inédita de poder trabalhar e construir com o educador Paulo Freire um projeto novo, com verdadeiras rupturas pedagógicas, os movimentos sociais, sindicais e populares criaram o Projeto MOVA-SP¹. Seu nome já é carregado de significado e de significantes promotores de idéias e concepções de movimento, mudança, dinamismo e totalidade. MOVA-SE SÃO PAULO, frente à situação do analfabetismo instaurado na cidade - mais de um milhão e meio de analfabetos vindos das mais diferentes regiões de nosso país, migrantes sem rumo, sem desti-

no. Um gigantesco desafio: definir uma política de ampliação do atendimento educacional destinado a jovens e adultos e suas opções estratégicas com o Movimento Popular.

A palavra de ordem era romper, ousar e enfrentar o desafio, mesmo que de forma emergencial, mas com caráter de irreversibilidade. As diferentes forças populares estavam definitivamente comprometidas e politicamente decididas a assumir em parceria com a Secretaria Municipal da Educação esta empreitada social, preservando a sua autonomia e independência política.

A história começou com o debate franco, porém polêmico, de como se daria o processo alfabetizador via movimento popular e sua relação política com os técnicos da prefeitura. Desencadeou-se um processo de discussão e re-

flexão, a partir de encontros, seminários, onde, tal como teia de aranha, teceu-se uma proposta, uma concepção de trabalho. Abril de 1989 é um marco deste momento. Criam-se diretrizes gerais político-pedagógicas que definiriam a identidade do projeto. As teses traziam em seu bojo o debate candente de uma praxis educativa popular e seus desafios, completada pelas interrogações e inquietações de uma formação competente do educador - militante que apontava para uma utopia de transformação social, via formação global para a democracia.

A proposta, além de delinear pressupostos claros e objetivos, que exigiam um referencial político-pedagógico transparente, mesmo porque toda prática já implica uma teoria que a fundamente e não há prática pedagógica neutra, ela é

sempre política, como afirma o educador Paulo Freire, ela supõe uma visão de mundo, de sociedade, de ser humano que quer se formar. Portanto, pressupõe-se um projeto histórico, uma teoria do conhecimento, uma opção metodológica, a partir de uma concepção de Educação entendida como processo de formação, de apropriação das capacidades de organização e direção para intervir de modo criativo e organizado na transformação estrutural da sociedade.

Os movimentos populares já acumulavam experiências vividas e diferenciadas em graus e níveis de fecundidade, que poderiam trocar em processo simbiótico com outros movimentos nascentes na caminhada de alfabetização de jovens e adultos da cidade de São Paulo, mas de maneira organizada e articulada a nível de cidade; nasce o Fórum Municipal de Alfabetização de Jovens e Adultos².

Isto foi possível, por um lado, porque houve vontade política dos gover-

nantes, compromissados com a transformação das condições de vida do povo, e por outro, em virtude do empenho organizado dos movimentos populares em efetivar esta ação educativa, coletivamente. Foi o resultado da ação de um governo decidido a investir e priorizar a educação popular e, ao mesmo tempo, de uma força popular disposta a mobilizar e organizar o povo em torno de um projeto de Alfabetização Libertadora.

A relação tensa, reivindicatória e de enfrentamento dos movimentos populares, fez crescer o entendimento das contradições dialéticas entre a função política do "Estado e Movimento Popular", que até hoje não estão claras, mas que desencadearam um verdadeiro processo de aprendizagem de como se faz política, para ambos.

Neste sentido, torna-se necessário compreender que a construção coletiva de um projeto revolucionário de educação deve estar voltada não apenas para

a estrutura política, mas também para a estrutura ideológica, onde a ação educativa requer entre outros aspectos, companheirismo, hábitos de solidariedade e respeito, idéias de franqueza e atitudes de fraternidade entre os educadores - militantes, mesmo que aí se dê o cerne do conflito entre Estado e Movimento Popular. Portanto, parece evidente que a formação político-pedagógica e o desenvolvimento da sensibilidade são partes inseparáveis na construção da identidade do educador - militante e do educando-educador.

Nesta perspectiva inovadora e inédita, tendo clareza dos riscos e na tentativa de esculpir uma utopia, é que surgem os núcleos de alfabetização, que são espaços vitais de organização comunitária de alfabetizandos e educadores - militantes. São pólos de criação de conhecimento coletivo que num movimento espiral aglutinam e ao mesmo tempo irradiam um saber vivido e experienciado e geram novos conhecimentos na cotidianeidade da criação em ato. A relação é dialógica, o clima de alegria e a interação pressupõem afetividade, mas o que se pretende com o escopo é que o processo mergulhe da leitura do mundo à leitura da palavra, mesmo que a ação ocorra em barracões, salões paroquiais, garagens, etc... ou seja, num cenário profundamente precário e às vezes até inadequado.

É essencial que esse saber fundamental esteja voltado para a leitura crítica do mundo e para a apropriação e criação de novos conhecimentos que melhor capacitem o sujeito à ação transformadora sobre a realidade social. O processo educativo é um processo de criação e recriação de conhecimentos, é a colocação em prática de uma teoria do conhecimento por meio de um conjunto organizado de atividades pedagógicas de ensino e aprendizagem.

O MOVA-SP é parte de uma estratégia de ação cultural voltada para o resgate da cidadania e da identidade histórica dos trabalhadores contribuindo para a constituição de uma alternativa democrática e popular em nossa cidade.

E em desdobramentos inesperados, os Fóruns já são realidades regionais;

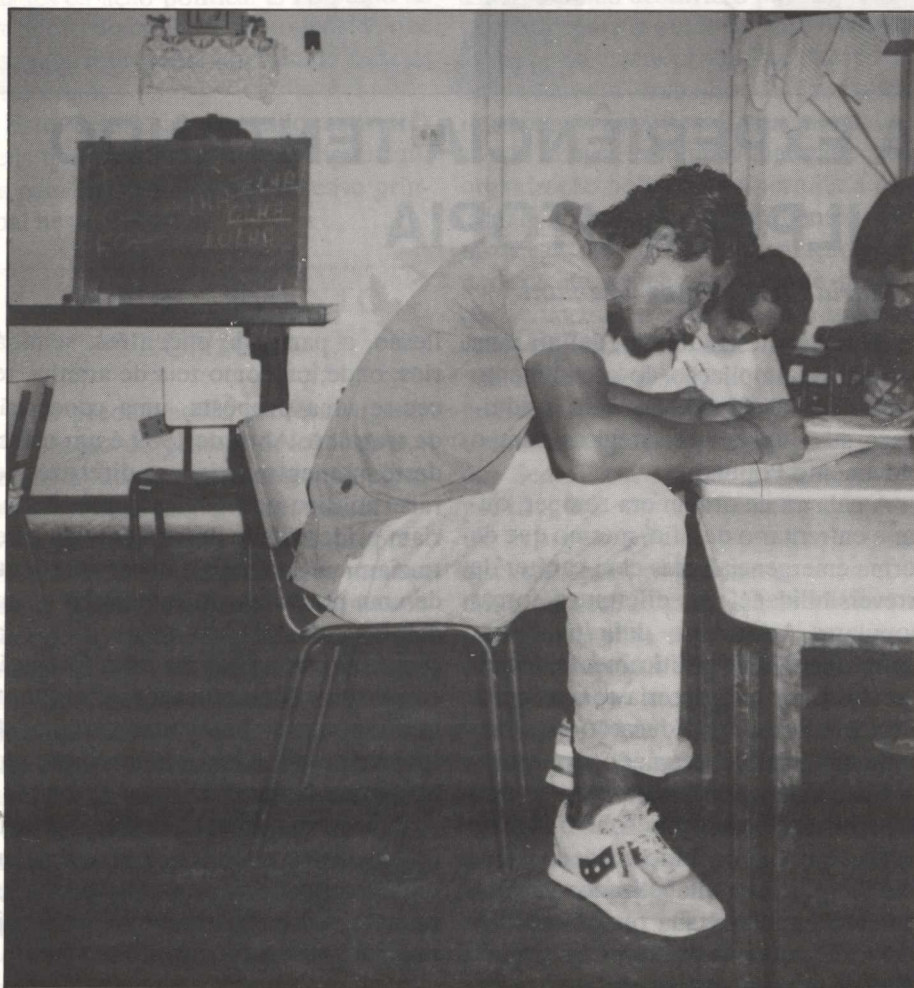


Foto: Dirceu Cutti

além das discussões dos pontos políticos-pedagógicos intrínsecos ao projeto, já se definem novas atribuições originais de assessorias - coletivas no fazer ou refazer dos projetos de alfabetização dos novos movimentos que vêm ao longo de 1990/91, aderindo à construção em mutirão. A própria turbulência da correlação de forças políticas dos diferentes movimentos constitui hoje desafios profundamente interessantes, revelando o retrato vivo e dinâmico do aprofundamento necessário que se faz, para a continuidade deste Projeto como favorecedor das condições para a articulação dos grupos organizados, como os de Moradia, Mulheres, Indígenas, Educação, Operário, etc. Se a educação popular de modo geral e a alfabetização em particular nunca fizeram parte das pautas de discussões de eixo de vários movimentos populares, hoje já se iniciam, mesmo que tenramente incipientes, debates nestes espaços. E as preocupações mais agudas perpassam inquietações do processo reivindicativo de movimentos que já conquistaram alguns espaços e estão atinados frente a novos desafios como a institucionalização das lideranças populares; o perigo da perda de autonomia e independência política do movimento nas relações com Estado; a competência do movimento popular como participante - parceiro numa responsabilidade social e educativa como alfabetizador. Embora este processo sempre tenha sido entendido pelo movimento como instrumento de luta e organização da classe trabalhadora, vinha sendo assumido de forma desigual e difusa pelos seus protagonistas, que agora, de maneira coesa, tentam ampliar o número de núcleos, mas principalmente a qualidade do processo alfabetizador.

E a construção coletiva de uma nova concepção de educação para jovens e adultos trabalhadores, vincula-se enquanto totalidade, seja em sua estrutura, formas de organização, conteúdo, metodologia, etc... ao mundo do trabalho, às vivências do cotidiano e aos elementos da cultura popular, fundamentalmente. Os projetos de escolarização básica de jovens e adultos, tal qual se desenvolvem atualmente em caráter transitório, tendem a esgotar-se quan-

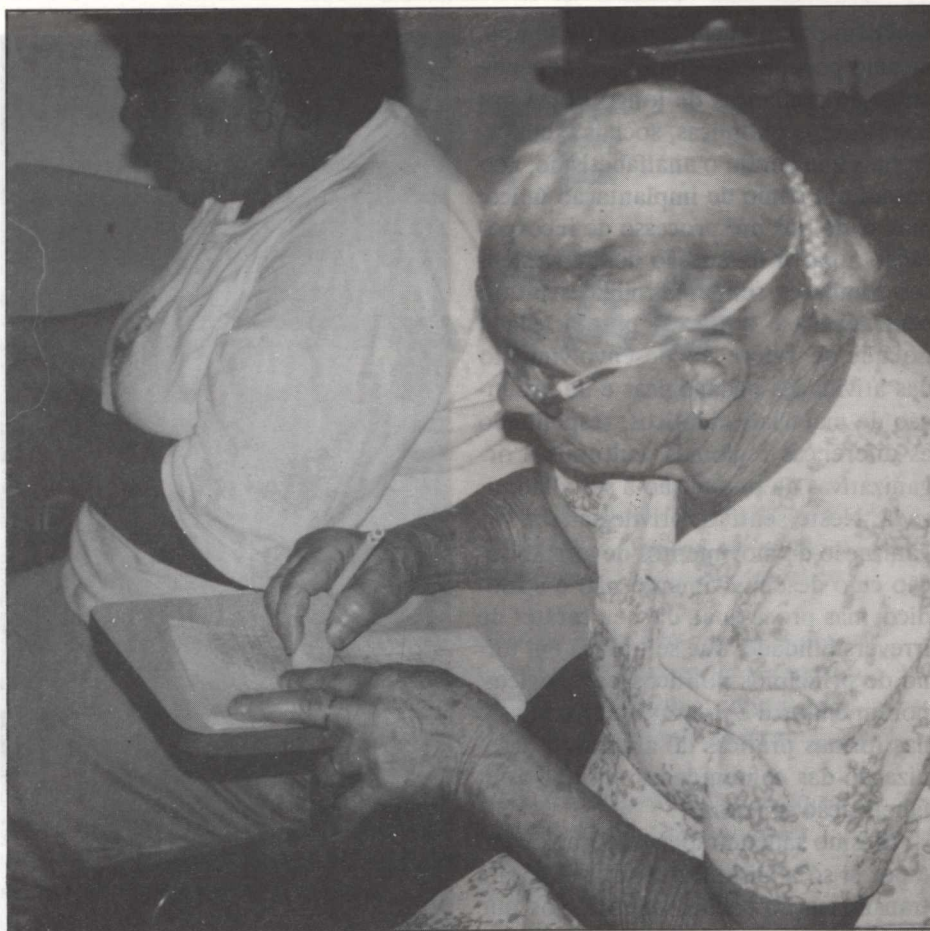


Foto: Mônica Lúcia da Silva

do a sociedade puder assegurar no tempo próprio escolarização para todos. E esse serviço de educação de jovens e adultos vem tentando apoiar as condições físicas, materiais e pedagógicas para a oferta abrangente de um ensino de qualidade, via convivência com os movimentos populares, sociais e sindicais. Este apoio do poder público às modalidades informais de educação de jovens e adultos promovidas pelos movimentos, respeita suas especificidades, sua autonomia e independência na Ação educativa Alfabetizadora e Pós-Alfabetizadora. Finalmente, entendemos que o apoio a estas iniciativas populares já existentes e novas, busca imprimir à educação de jovens e adultos um caráter de convocação da sociedade civil na direção de um projeto político-cultural popular, que se conduz sob gestão direta e participativa dos movimentos populares através do Fórum Geral dos Movimentos de Alfabetização de Jovens e Adultos, construindo-se numa instância de decisão compartilhada e em parceria com o poder público.

Um dos exemplos mais concretos desta prática educativa compartilhada foi o 1º Congresso de Alfabetizando da Cidade de São Paulo, ocorrido em 16 de dezembro de 1990, o qual possibilitou a mais ampla participação, desde a organização, tematização e elaboração do texto base, por parte dos alfabetizandos, alfabetizadores e lideranças dos movimentos populares envolvidos. Com esforço e garra mobilizaram-se 5.100 alfabetizandos para dizerem a sua palavra, para expressarem a sua mensagem de forma criativa e alternativa - canto, coral, poesias, dramatização, etc. -, além da discussão das teses contidas e debatidas a nível dos núcleos ou região e a nível de Cidade de São Paulo. Dentre as quais podemos citar: "não somos analfabetos porque queremos", "as mulheres têm direito de se alfabetizarem", "o que faremos depois de alfabetizados", etc...

O Projeto MOVA-SP não se identifica e nem se caracteriza como Campanha de Alfabetização uma vez que, não tem pretensão de erradicar o anal-

fabetismo num curto espaço de tempo, mesmo porque sua eliminação depende antes de mudanças de longo prazo nas condições econômicas, sociais e educacionais que geram o analfabetismo; não possui um ritmo de implantação único, mas se dá por um processo de incorporação a partir da adesão dos movimentos populares, sem uma rígida estrutura centralizada e unificada para a cidade no que se refere ao desenvolvimento das atividades pedagógicas e de produção de materiais didáticos, respeitando as diferenças regionais, culturais e organizativas da população a ser alfabetizada. Neste sentido, privilegia-se a organização de movimentos de alfabetização cujo desenvolvimento não é episódico, mas processual, daí seu caráter de irreversibilidade, que se unifica em torno de princípios políticos-pedagógicos, porém endossa e preserva a diversidade nas formas práticas de atuação e organização das comunidades em que a alfabetização se realiza.

Mesmo sabendo que a educação não é por si só a alavanca suficiente para a transformação social, acreditamos que projetos alternativos e alterativos, como este, que se constroem coletivamente e se inserem no contexto não isoladamente mas tentando integrar-se ao projeto social global da luta popular, poderão contribuir para a suspensão do atual sistema social. A educação caracteriza-se como libertadora na medida em que tiver como objetivo a ação e reflexão consciente, crítica e criadora das classes oprimidas, exploradas e expropriadas sobre o seu próprio processo de libertação.

* *Maria Stela Santos Graciani, ex-Coordenadora Geral da MOVA-SP Sec. Municipal da Educação, é Vice-Diretora Geral do Centro de Educação da PUC-SP*

NOTAS

1. MOVA-SP - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo - SME - Prefeitura Municipal de São Paulo.

2. Criação do Fórum Geral dos Movimentos de Alfabetização de Jovens e Adultos da Cidade de São Paulo - Decreto nº 28/302 de 21 de novembro de 1989 - Prefeitura Municipal de São Paulo.

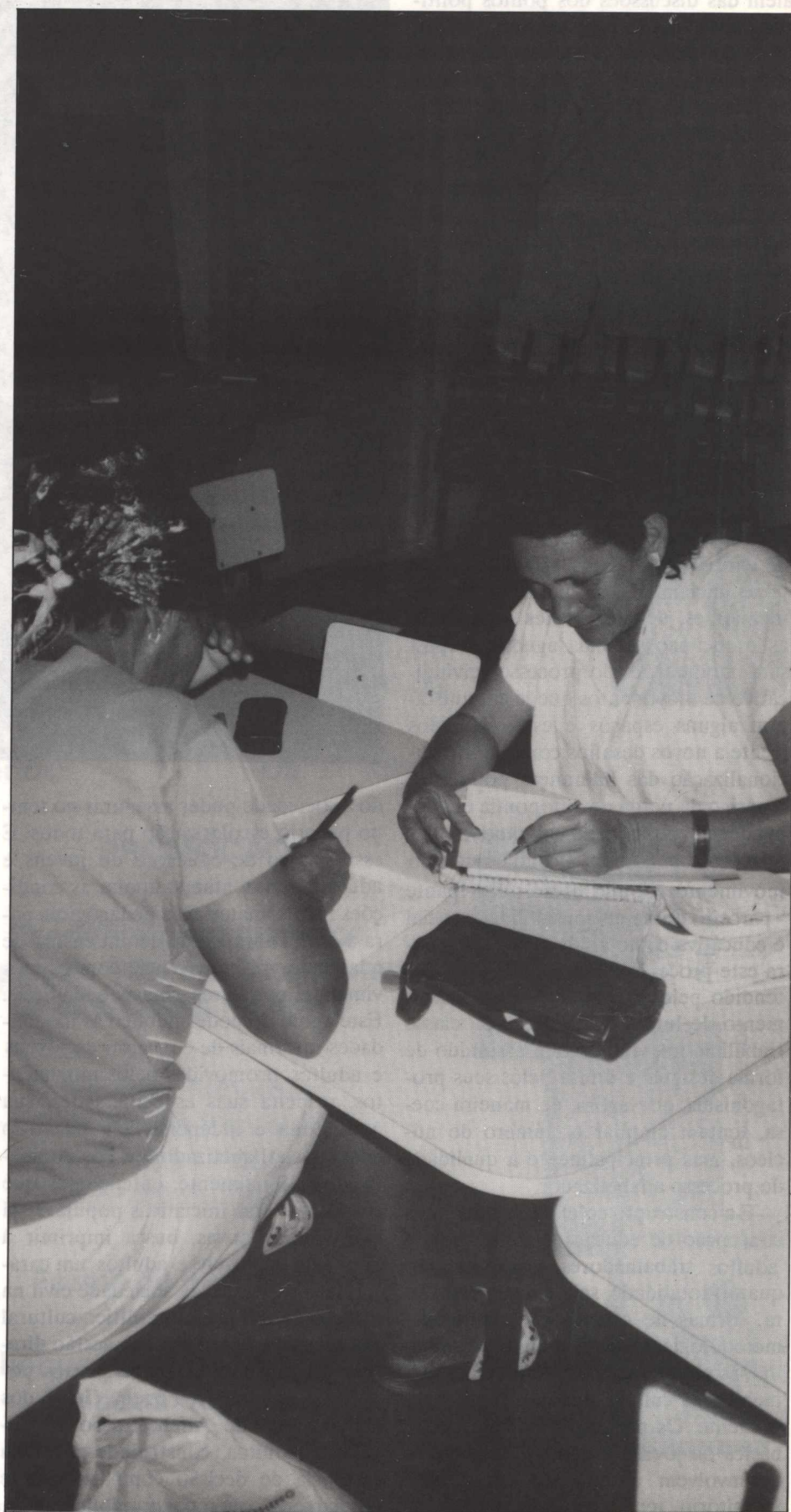


Foto: Dilceu Cutti